
O que eu domino e conheço
é o cérebro da sanguessuga:
e esse é o meu universo!
E não deixa de ser um universo!
...É este o meu domínio.

(NIETZSCHE – Assim falava Zaratustra)

Zaratustra continuou pensativo seu caminho, descendo cada vez mais, transpondo bosques e passando por perto de lagoas; mas como acontece a todos que meditam coisas difíceis, pisou um homem por engano...

“Quem é você”, pergunta Zaratustra.

“Eu sou o espírito consciencioso – respondeu o interrogado; e nas coisas do espírito é difícil alguém conduzir-se de forma mais zelosa do que eu, exceto aquele de quem aprendi, o próprio Zaratustra. É preferível não saber nada do que saber muitas coisas pela metade!... Que importa que seja pequeno ou grande, que se denomine pântano ou céu? Um pedaço de terra do tamanho da mão me basta, contanto que seja realmente terra e solo! Num pedaço de terra do tamanho da mão consegue uma pessoa manter-se de pé”.

* Conferência de abertura do “Simpósio sobre o Cérebro”, realizado de 10-13/11/1994 no Centro de Ciências Médicas” da UFPE.

** Vincenzo Di Matteo é professor do Departamento de Filosofia da UFPE e doutorando em Filosofia na UFMG.

“Então você é talvez aquele que procura conhecer a sanguessuga? – perguntou Zaratustra. Você, o consciencioso, escuta a sanguessuga à procura dos seus últimos princípios?”

“Ó Zaratustra! – respondeu o pisado: – Isto seria uma monstruosidade! Como me atreveria a pretender semelhante coisa? O que eu domino e conheço é o cérebro da sanguessuga: é esse o meu universo! E não deixa de ser um universo!... É este o meu domínio... É este o meu reino! Por isso deixei de lado tudo o mais; por isso, tudo o mais tornou-se-me indiferente; e junto à minha ciência estende-se a minha profunda ignorância”.¹

Status quaestionis. Objetivos.

Escolhi este trecho de Nietzsche, um dos filósofos mais citados e valorizados por Freud², para prestar minha homenagem a todos vocês que se envolveram direta ou indiretamente na organização e realização deste segundo simpósio sobre cérebro promovido pelo Centro de Ciências Médicas da UFPE.

É verdade que nas entrelinhas o filósofo ironiza a excessiva e limitante especialização do cientista, mas certamente não é o caso de vocês, ainda mais que o cérebro em estudo é o cérebro humano.

Tenho certeza que Zaratustra e o pesquisador do cérebro vão continuar a dialogar nestes dias, porque para nós ocidentais, filhos da cultura grega e judaico-cristã, falar em cérebro e não falar em mente é praticamente impossível, como é impossível não defrontarmo-nos com o problema milenar da relação mente-corpo.

O problema deixou de sê-lo para nós, não porque foi solucionado, mas precisamente porque é de impossível resolução consensual.

Seria a consciência uma propriedade emergente do cérebro humano ou devemos postular um pluralismo ontológico da realidade? Haveria apenas a ordem dos fenômenos físico-químicos ou devemos apelar também para a ordem de fenômenos radicalmente diferentes e irreduzíveis à primeira ordem? Termos como mente, consciência, psiquismo, pensamento, inconsciente são significantes que remetem a algo de objetivo e real ou são palavras vazias? Vale a pena retomar um debate desgastado pelo tempo, que oscila eternamente entre monismo e dualismo, materialismo e espiritualismo, vitalismo e mecanicismo, reducionismo e emergentismo?

Não vou enveredar pelos caminhos e descaminhos da ciência e da filosofia para dirimir a questão. Para isso remeto à palestra pronunciada, no ano passado, 1993, pelo professor Jarbas Maciel por ocasião do primeiro simpósio sobre cérebro.

Permito-me citar uma das suas conclusões: “Não é o problema da natureza da relação mente/cérebro que é em si insolúvel. Ele certamente o é no contexto do atual esgotamento do ideal da racionalidade da ciência contemporânea. Não é o problema que é insolúvel, mas o nosso atual modo de pensar que o torna insolúvel”.³

¹ NIETZSCHE, F. – *Assim falava Zaratustra*. S. Paulo, Hemus, 1977, 188-190.

² Quanto às relações entre Nietzsche e Freud, remeto à obra de ASSOUN, P.L. – *Freud e Nietzsche: semelhanças e dessemelhanças*. S. Paulo, Brasiliense, 1991.

³ MACIEL, J. – *Cérebro e Mente: Aspectos Filosóficos*. In *Perspectiva Filosófica*. Rev. Semestral do Depto. de Fil. da UFPE. Vol. I, n3, p.82, jul./dez. 1993.

Nosso objetivo, hoje, é retomar o secular problema antropológico: alma-corpo, mente corpo, mente cérebro, articulando um saber interdisciplinar, ciência, filosofia e psicanálise, para tentar compreender como esta problemática foi vivenciada e superada, pelo menos subjetivamente, por um dos pensadores mais representativos do final do séc. XIX e primeira metade deste século: Freud.

O objetivo específico é abordar o problema cérebro-mente como ele se anuncia, se tematiza e é resolvido no discurso freudiano e como este discurso foi interpretado por sucessivas leituras que pretenderam desvendar o enigma freudiano. Quem foi ele, de fato, um neurologista ou um psicólogo?

Confesso que o risco de um curto circuito nesta abordagem interdisciplinar não está descartado. A psicanálise freudiana não se reconhece como filosofia e prescinde dela, porque ela mesma construirá suas ferramentas teóricas para explicar o patológico, o normal e o cultural. A ciência, por sua vez, tem dificuldade de hospedar a psicanálise dentro de suas fronteiras, visto que a própria metapsicologia freudiana não passaria de uma metafísica disfarçada. E a filosofia, pelo menos a herdeira do consciencialismo cartesiano, continua a considerar a psicanálise como uma mistificação científica ou uma filosofia bastarda.⁴

Acrescente-se a estas dificuldades subjetivas de alguns psicanalistas, cientistas e filósofos enredados em suas próprias ideologias, uma dificuldade objetiva. O discurso freudiano é um discurso complexo, cujos remanejamentos sucessivos o tornam, às vezes, ambíguo.

Haveria dois Freud, o neuro-fisiologista e o psicanalista? Afinal, quem é Freud? Um novo Édipo que desvenda o enigma da Esfinge, apelando para os mitos de Eros, Thanatos, Ananke, Narciso? Um cientista mapeando o cérebro?

Um artista, escrevendo sobre os meandros da mente humana? O médico vienense fiel ao credo científico de sua época ou um cientista ousado e transgressor dos paradigmas científicos dominantes?

Tentaremos abordar o tema não de uma maneira dogmática, mas numa perspectiva genética e histórica. Não se trata de julgar Freud a partir do nosso referencial filosófico ou científico, mas de tentar reconstruir o caminho por ele percorrido para superar o dualismo mente-cérebro e identificar as ferramentas teóricas que utilizou para dizer a novidade do inconsciente psicanalítico.

I. Definição dos termos chaves.

Antes, porém, temos que definir, ou pelo menos descrever sumariamente, os termos chaves do nosso tema: cérebro e mente em psicanálise.

I.1 - Cérebro.

Com a palavra cérebro entenderemos de uma maneira privilegiada e específica o sistema nervoso central e de uma maneira mais ampla e metafórica toda a dimensão corporal do ser humano, chegando algumas vezes a ser sinônimo de corpo, uma realidade anatômica, fisiológica, neurológica que se oporia à realidade psíquica indicada pela palavra “mente”.

I.2 - Mente.

O termo “mente”, por sua vez, tem uma longa história. Como acontece com os termos que são usados e abusados há muito tempo em contextos históricos e culturais diferentes, a palavra foi se carregando de muitos significados. O conceito mais comumente aceito foi o que se firmou no começo

⁴ Cfr. FREUD, S. - *As resistências à Psicanálise*. Vol. XIX, p.269.

da modernidade, graças a Descartes. Mente tornou-se sinônimo de consciência, um termo que remete ao conjunto das manifestações da vida psíquica do homem, envolvendo o seu sentir, o seu querer e o seu raciocinar. Designa a relação conosco mesmo, com aquele mundo chamado interior, que nos permite um conhecimento imediato e direto, bem como um julgamento certo e infalível de nós mesmos.

Todos nós sabemos que esta concepção, que faz coincidir plenamente mundo mental com mundo consciente e este com a esfera do eu e da subjetividade, desmoronou diante da concepção da mente que emerge da descoberta do inconsciente psicanalítico.

Depois de Freud, o psiquismo não pode ser mais representado por um círculo cujo centro é a consciência. A insistência de Freud sobre o inconsciente parece reduzir o psiquismo a um círculo cujo centro é o inconsciente, cabendo à consciência debater-se na periferia, pobre diabo, servindo a três senhores: o Id, o Superego e a realidade externa.⁵

Mente, portanto, em psicanálise tem um sentido mais amplo daquele habitual que herdamos da filosofia cartesiana. Fora esta certeza, por enquanto, nada mais podemos afirmar. Mais adiante veremos as várias interpretações que legitimariam uma distinção real dos fenômenos psíquicos daqueles somáticos - o que nos permitiriam contrapor cérebro e mente em psicanálise - e as outras que consideram as teses mentalistas de Freud, hipóteses provisórias destinadas a dissolver-se nas substâncias químicas do nosso cérebro.

Enfim, a pergunta, o que é psicanálise? O que ela é para Freud?

1.3 - Psicanálise.

Em 1914, num dos seus livros mais polêmicos que ele escreveu para reivindicar a paternidade da psicanálise diante da confusão criada pelas dissensões de Adler primeiro e de Jung depois, afirma: "A psicanálise é criação minha... acho justo continuar afirmando que ainda hoje ninguém pode saber melhor do que eu o que é psicanálise".⁶

Repetidas vezes Freud nos diz que a psicanálise é indissociavelmente um método de investigação do inconsciente, uma técnica terapêutica e uma metapsicologia.⁷

O que mais nos interessa nessa definição de psicanálise é a sua vertente teórica, onde esperamos encontrar alguma luz para nos ajudar a ver as relações existentes ou inexistentes entre cérebro e mente.

Por enquanto nos bastam as teses básicas ou o pacote psicanalítico que Freud julga necessário assumir em bloco para reivindicar a pertença à sua psicanálise: "a pressuposição de existirem processos mentais inconscientes, o reconhecimento da teoria da resistência e repressão (recalque), a apreciação da importância da sexualidade e do complexo de Édipo constituem o principal tema da psicanálise e os fundamentos de sua teoria. Aquele que não possa aceitá-los a todos não deve considerar-se a si mesmo como psicanalista".⁸

II. O discurso freudiano sobre cérebro e mente.

O discurso freudiano não é um discurso homogêneo. Por isso que, às vezes, parece ambíguo e se presta a interpretações contraditórias. Seria a psicanálise mais uma

⁶ FREUD, S. - História do Movimento Psicanalítico. Vol. XIV, p.16.

⁷ Cfr. FREUD, S. - *Dois verbetes de enciclopédia*. Vol. XVIII, p.287.

⁸ FREUD, S. - *O.c.*, p.300.

⁵ Cfr. FREUD, S. - A dissecação da personalidade psíquica. Vol. XXII, p.99.

filosofia da mente ou, talvez, uma literatura? Não, responde decididamente Freud. A Psicanálise é uma ciência da natureza.

II.1 - A Psicanálise, ciência da natureza.

Inúmeras vezes Freud repetiu que a Psicanálise não tem uma *Weltanschauung* própria e que ela é incapaz por si mesma de criá-la, nem precisa dela, porque “faz parte da ciência e pode aderir à *Weltanschauung* científica... Uma *Weltanschauung* erigida sobre a ciência possui, excetuada sua ênfase no mundo externo real, principalmente traços negativos, tais como a submissão à verdade e a rejeição às ilusões. Todo semelhante nosso que está insatisfeito com essa situação, que exige mais do que isso para seu consolo momentâneo, haverá de procurá-lo onde o possa encontrar. Não o levaremos a mal, não podemos ajudá-lo, mas nem podemos, por causa disso, pensar de modo diferente”.⁹

O que Freud pretendia ao situar a psicanálise no conjunto das ciências da natureza? Qual o debate teórico subjacente?

Por trás da insistência de Freud de situar a psicanálise entre as ciências da natureza se esconde uma polêmica epistemológica, conhecida no século passado como a querela dos métodos.

O avanço de ciências novas, como a psicologia, a sociologia, a história, pareciam exigir métodos novos, diferentes daqueles que se revelaram fecundos no estudo da natureza, mas quase estereis no estudo do homem e dos fenômenos culturais.

Foi exatamente no ano de 1883, quando Freud iniciava sua carreira médica, que Wilhelm Dilthey publica a sua *Introdução às Ciências do Espírito*, tornando-se o grande teórico da distinção entre as ciências da natureza e as ciências do espírito ou da cultura.

II.2 - Ciências da natureza e ciências do espírito.

O que diferenciaria as duas ordens de ciências pode ser reduzido às seguintes proposições epistemológicas:

- Às primeiras caberia explicar, às segundas compreender.
- As ciências da natureza são “nomotéticas”, isso é, buscam reduzir o particular a leis universais e determinísticas. As ciências da cultura, por sua vez, são “idiográficas”, isso é, tentam compreender o particular na sua individualidade e singularidade, no registro da incerteza e do contexto.
- As primeiras aceitam apenas juízos de realidade e pretendem estabelecer relações de causalidade entre os fenômenos; as segundas, implicam também juízos de valor e pretendem apreender as relações de sentido existentes num determinado discurso.
- Enfim, o lugar epistemológico do cientista da natureza é de uma suposta e pretensa neutralidade, enquanto o do intérprete será sempre marcado pela subjetividade, mesmo que não pela arbitrariedade.

Quando, portanto, a história pergunta ao saber psicanalítico que emerge para o mundo da ciência, que tipo de saber é o teu? O pai dela responde obstinadamente, até a morte: a psicanálise é uma ciência da natureza.

Se aceitarmos a tese freudiana, não teria sentido, evidentemente, distinguir entre explicar e compreender, entre a vertente explicativa da psicanálise e a outra interpretativa, hermenêutica.

II.3 - Psicanálise: ciência da natureza e ciência da cultura?

Alguém poderia objetar: mas a psicanálise não se caracteriza exatamente por ser uma ciência da interpretação do sonho, do sintoma, do mito, da religião, da arte, da cultura em

⁹ FREUD, S. - *A questão de uma Weltanschauung*. Vol. XXII, p.220.

geral? Não ocupa ela um lugar de destaque entre as hermenêuticas rivais que tentam interpretar a produção simbólica do homem? Não é Freud um “mestre da suspeita”, um iconoclasta, um furador de máscaras?”¹⁰ Não se intitula uma de suas obras principais e mais famosas “A interpretação dos sonhos”?

Apesar desse aparente paradoxo, é preciso reconhecer que Freud sempre privilegiou o explicar sobre o interpretar. A hermenêutica não se constitui como uma oposição à explicação, mas apenas como um momento e uma variante dela. O ato interpretativo e o ato explicativo remetem à mesma exigência de estabelecer o nexos entre causa e efeito.

O conteúdo manifesto de um sonho, um ato falho, um sintoma, somente adquirem o sentido pleno quando é possível reduzi-los a seus determinantes.

Na querela dos métodos, portanto, Freud se coloca decididamente ao lado das ciências da Natureza. Digo mais: para ele não existe ciência que não seja da natureza. Por isso que podemos afirmar que na base das concepções psicanalíticas do psiquismo humano se encontra um monismo radical.

II.4 - A fundamentação: monismo, reducionismo, determinismo.¹¹

Qual é a profissão de fé monista? O credo monista, reza assim: Creio na unidade fundamental da natureza. Na inexistência de um limite exato ou distinção absoluta entre mundo inorgânico, mundo vegetal, mundo animal e mundo humano. Creio, portanto, que não tem sentido em falar em ciências da natureza e em ciências humanas e que a explicação

última da realidade é de natureza físico-química.

Freud poderia assinar tranqüilamente essa profissão de fé, familiar a muitos cientistas do século passado. A psicanálise, decididamente, não se inscreve na intercessão dos dois conjuntos, o das ciências da natureza e o das ciências do espírito. Não é nem a ponte, nem a mediadora entre as duas esferas. Encontra-se por vocação e por opção no único conjunto possível que é o das ciências da natureza, o que implica que a explicação última dos fenômenos humanos, tanto normais, como patológicos e até culturais, são redutíveis a uma explicação puramente naturalista.

Não foi este o juramento dos fundadores da Sociedade Física de Berlim em 1842? Ao afirmar reiteradamente que a psicanálise pertence às ciências da natureza Freud subscreve o credo fisicalista de seus mestres e ídolos,¹² o que não quer dizer que a psicanálise de fato é uma ciência da natureza, mas que ela deve ser. A fé reducionista é uma exigência e uma tarefa, não uma graça dos deuses.

Esta obstinação em manter ancorada a psicanálise às ciências da natureza é tanto mais significativa porque Freud não desconhece a distinção e a problemática subjacente entre ciências da natureza e ciências do espírito. As poucas vezes em que a expressão ciência do espírito aparece na obra freudiana é apenas para evidenciar que a psicanálise tem que lidar com as dificuldades das ciências da natureza e não com as facilidades da ciência do espírito.

“Conceitos básicos claros e definições vivamente traçadas somente são possíveis nas ciências mentais até o ponto em que as segundas procuram ajustar uma região de fatos no arcabouço de um sistema lógico. Nas ciências naturais, das quais a psicologia é uma delas, tais conceitos gerais e nítidos são

¹⁰ Cfr. RICOEUR, P. - *O conflito das interpretações*. Rio de Janeiro, Imago, 1978, p.127.

¹¹ Cfr. ASSOUN, P.L. - O fundamento monista. In *Introdução à Epistemologia Freudiana*. Rio de Janeiro, Imago, 1983, p. 45-57.

¹² A referência a Helmholtz como “seu ídolo” encontra-se numa das cartas endereçada a Marta em 1883.

supérfluos e na realidade impossíveis".¹³

No máximo as ciências do espírito podem fornecer uma "colaboração" à psicanálise, conforme estas afirmações de Freud: "Partilho do ponto de vista de que todos aqueles problemas que se relacionam com a ligação entre os fenômenos psíquicos e seus fundamentos orgânicos, anatômicos e químicos podem ser abordados somente por aqueles que tenham estudado ambos, isto é, por analistas médicos. Não se deve esquecer, contudo, que isso não é o todo da psicanálise, e que quanto ao seu outro aspecto nunca podemos passar sem a cooperação de pessoas que tenham tido uma educação preliminar nas ciências mentais".¹⁴

Quando nasce, portanto, esta última e querida filha de Freud, a psicanálise, o seu pai intelectual a chamou de "psico-análise". Por que este nome? Quem foi a madrinha de batismo? É o próprio Freud que nos dá as dicas. É a química.

II.5 - Psicanálise e Química.¹⁵

As comparações que estabelece entre Química e psicanálise não deixam dúvidas. As aproximações vão além da simples analogia e de uma metáfora. Parecem remeter mais a uma relação de modelo.

A psicanálise conseguiu decompor os fenômenos psíquicos nos seus elementos constitutivos que são as pulsões, uma realidade no limiar do físico e do psíquico. As pulsões nas suas ações, reações e conflitos produzem um sintoma, cujo sentido escapa ao paciente. O arranjo de determinados sintomas gera um determinado complexo que deságua na doença. Tarefa do analista é decompor o sintoma para reencontrar os

componentes básicos, assim como o químico decompõe o sal nos seus elementos constitutivos, tornados irreconhecíveis no composto.¹⁶

Outras metáforas aproximam química e psicanálise como aquela da manipulação de substâncias explosivas. O psicanalista também lida com forças explosivas que são as forças pulsionais. "O psicanalista - escreve Freud - sabe que está trabalhando com forças altamente explosivas e que precisa avançar com tanta cautela e escrupulo quanto um químico".¹⁷

E qual o nome encontrado por Freud para caracterizar o processo de transformação da libido numa atividade artística ou intelectual ou socialmente valorizada? Sublimação. Uma pulsão pode sublimar-se como um sólido pode passar do estado sólido para o gasoso sem se liquefazer.

Mas de que Química fala Freud? Tudo indica que é a química inorgânica, cujo objetivo segundo Lavoisier e seus seguidores é dividir, subdividir, ressubdividir ainda as diferentes substâncias que entram em combinação.¹⁸

Uma psicossíntese não tem muito sentido para Freud, visto que para ele a química do psiquismo, as pulsões, logo que produz a decomposição, efetua logo novos arranjos.

"Disseram-nos - escreve Freud - que após a análise de uma mente enferma, deve seguir uma síntese... Senhores, não posso achar que essa psicossíntese nos estabelece qualquer nova tarefa. Se me permitisse ser franco e rude, diria que se trata apenas de uma frase vazia".¹⁹

Para Freud, em suma, as aproximações entre Química e Psicanálise vão muito além de uma simples analogia e

¹⁶ Cfr. FREUD, S. - Linhas de progresso na terapia psicanalítica. Vol. XVII, p.202.

¹⁷ FREUD, S. - Observações sobre o amor transferencial. Vol. XII, p.221.

¹⁸ Cfr. LAPLANCHE-PONTALIS -Vocabulário de Psicanálise. S. Paulo, Martins Fontes, 1976, pp. 637-641.

¹⁹ FREUD, S. - Linhas de progresso na terapia psicanalítica. Vol. XVII, p. 202-203.

¹³ FREUD, S. - *Um estudo autobiográfico*. Vol. XX, p.73.

¹⁴ FREUD, S. - *A questão da análise leiga. Pós-Escrito*. Vol. XX, p.291-292.

¹⁵ ASSOUN, P.L. - *A psicanálise, química das pulsões*. In - *Introdução à Epistemologia Freudiana*. O.c., p. 59-63.

metáfora. Haveria uma verdadeira subordinação dos conhecimentos psicanalíticos provisórios aos conhecimentos químicos, que irão substituí-los definitivamente. Quem vai matar a psicanálise é a Química. Se a expressão é muito forte poderíamos substituí-la pela afirmação de que, para Freud, a psicanálise é um saber provisório, aguardando sua morte natural quando o homem descobrir os determinantes químicos dos fenômenos psicológicos. As “forças psíquicas” cederiam lugar aos “processos químicos” correspondentes e a pesquisa só pararia quando se encontrar os determinantes físico-químicos dos fenômenos mentais. O futuro da psicanálise é naufragar e dissolver-se no seu verdadeiro e único habitat que é o mar da química e o oceano da física.

Palavras do próprio Freud: “...devemos recordar que todas as nossas idéias provisórias em psicologia presumivelmente algum dia se basearão numa subestrutura orgânica. Isso torna provável que as substâncias especiais e os processos químicos sejam os responsáveis pela realização das operações da sexualidade, garantindo a extensão da vida individual na da espécie”.²⁰

É fácil perceber que estamos diante do credo reducionista: explicar o complexo a partir do simples, a psicologia a partir da fisiologia, esta a partir da biologia, a qual por sua vez pode ser compreendida e explicada a partir da química.

Do reducionismo ao determinismo o passo é curto e necessário, visto que desta maneira é possível descrever todos os processos e seus encadeamentos até chegarmos às suas causas de natureza físico-química.

O slogan “nada acontece por acaso”, sintetiza a crença freudiana de que também na ordem psíquica nada é acidental. É verdade que Freud reconhece a existência do acaso na vida das pessoas. Admite até um certo espaço de liberdade que

uma pessoa saudável psiquicamente pode ter para escolher entre várias alternativas. Mas acaso e liberdade não são manifestações de espontaneidade ou arbitrariedade da natureza. São nomes cômodos que damos a certos fenômenos cujas causas são muito remotas e de difícil identificação e nunca significantes que remeteriam a uma realidade desprovida de causalidade.

“A teoria da mente de Freud, sintetiza Peter Gay, é franca e estritamente determinista”.²¹

III. Gênese histórica.

Não é difícil perceber na defesa que Freud faz da psicanálise, enquanto ciência, os ecos de sua formação médica.

III.1 - A formação médica.

Inicialmente a pesquisa zoológica com o diretor do Instituto de Anatomia comparada Carl Claus que o enviou até Trieste para observar e dissecar as gônadas de centenas de enguias.

Em seguida, a experiência marcante dos seis anos passados no laboratório de pesquisa fisiológica no laboratório de E. Brück, o ilustre membro fundador da Sociedade Física de Berlim, para o qual a fisiologia nada mais era do que uma física dos organismos.

A pesquisa com a cocaína, que vai quase que arruinar sua reputação, mas que hoje o coloca como um dos pioneiros da psicofarmacologia.

A passagem forçada da pesquisa de laboratório para a prática clínica no hospital de Viena, onde é necessário destacar a passagem pelo serviço de psiquiatria de outro ilustre médico, Meynert. Será, precisamente, como livre docente de

²¹ GAY, P. - *Freud: uma vida para o nosso tempo*. S. Paulo, Companhia das Letras, 1989, p.123.

²⁰ FREUD, S. - Sobre o Narcisismo: uma introdução. Vol. XIV, p.95.

neuropatologia que vai ganhar uma bolsa de estudo para estagiar em Paris, onde “brilhava o grande nome de Charcot”,²² o ilustre professor de neuropatologia.

Segundo a avaliação de E. Jones, os meses passados em Paris foram decisivos para a conversão de Freud às hipóteses mentalistas. Era praticamente o fim de sua atividade com o microscópio. Daí por diante haveria de tornar-se um mero clínico”.²³

III.2 - A prática clínica.

De fato, ao voltar para Viena não vai demorar o choque entre as duas escolas de psiquiatria, a alemã representada por Meynert e fundamentada num modelo anatômico-neuropatológico e a francesa representada por Charcot que admite também interpretações psicológicas. Freud se desentende com Meynert e será cada vez mais escanteado pela Sociedade Médica de Viena.²⁴

A prática clínica que inaugura a partir de 1886 não vai afastá-lo de suas pesquisas sobre cérebro. São deste período um projeto de trabalho sobre paralisias cerebrais, a redação de um artigo sobre anatomia do cérebro para o dicionário médico de Villaret, a publicação em 1891 de sua pesquisa sobre afasia.

O percurso, portanto, que o levou à psicanálise não é tão linear assim como o próprio Freud parece sugerir: “Passei da histologia do sistema nervoso para a neuropatologia e depois, incentivado por novas influências, comecei a interessar-me pelas neuroses”.²⁵

²² FREUD, S. - *Um estudo autobiográfico*. Vol. XX, p.22.

²³ JONES, E. - *Vida e Obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p.227.

²⁴ “... fui excluído do laboratório de anatomia cerebral e deixei de freqüentar as sociedades eruditas”. FREUD, S. - *Um estudo autobiográfico*. Vol. XX, p.27.

²⁵ FREUD, S. - Pós-Escrito a um estudo autobiográfico. Vol. XX, p.288.

É inegável, porém, que, pouco a pouco, o trabalho clínico com neuróticos, o encontro com a psiquiatria francesa e com médicos inovadores de sua época, parecem empurrar cada vez mais o médico Freud nos braços da psicologia. Haveria uma passagem progressiva e silenciosa da neurofisiologia para a psicopatologia, uma adoção cada vez mais assumida da hipótese psicodinâmica das neuroses, a defesa da existência de processos mentais inconscientes, a justificação de uma conveniência e até necessidade da hipótese de um inconsciente dinâmico para explicar determinados fenômenos psíquicos, e, enfim, o reconhecimento cada vez mais assumido da problemática sexual na psicogênese das neuroses.

III.3 - A formulação teórica: aparelho psíquico e aparelho de linguagem.

Ao Freud pesquisador da neuro-biologia, mapeando o cérebro, cederia lugar um Freud psicólogo, mapeando a mente?.²⁶

Freud encontra-se entre dois amores: o amor antigo, anatomia, fisiologia, neuropatologia, e o amor novo, a psicologia clínica. E não pretende renunciar a nenhum dos dois.

É no cruzamento destes dois mundos que se esboça o projeto de Freud de uma psicologia científica, uma psicologia da profundidade, capaz de fornecer uma teoria geral das neuroses. Nascem dois modelos explicativos: um aparelho psíquico e um aparelho de linguagem. Os fenômenos patológicos não se inscrevem apenas no somático, mas são da ordem do sentido e da história. Os sintomas neuróticos, por exemplo, só podem ser desvendados situando sua linguagem ininteligível no contexto da história do paciente. Os sonhos, são uma linguagem, um texto cujo conteúdo manifesto remete a um conteúdo latente, expressão

²⁶ Cfr. GAY, P. - Uma psicologia para psicólogos. In - Freud: *uma vida para o nosso tempo*. O.c., p.121-134.

de desejos inconfessáveis. Até nas frestas de nossa linguagem cotidiana, algo de misterioso fala mais do que nossas palavras dizem etc...

Este outro subconjunto de textos freudianos postula uma outra concepção do sujeito, ancorado no registro do sentido e da história, que Freud busca na linguagem e não na consciência dos indivíduos.

Estas colocações de Freud, pareciam aos colegas vienenses um “conto de fada científico”. Teria Freud abandonado a medicina?

III.4 - A odisséia intelectual de Freud.

Esta pergunta é pertinente, porque o próprio Freud descreve sua odisséia intelectual como uma volta para a casa da filosofia, após um longo desvio pelo mundo da medicina.²⁷

Sabemos a partir de seus depoimentos, inicialmente, das resistências juvenis para ingressar na medicina, em seguida da falta de gosto por ela. “Nem naquela época, nem mesmo depois, senti qualquer predileção particular pela carreira de médico”.²⁸

Num olhar retrospectivo de sua vida, reconhece que, “após quarenta e um anos de atividade médica, meu autoconhecimento me diz que nunca fui realmente médico no sentido adequado”.²⁹

Desde uma carta dirigida a Fliess em 2 de abril de 1896 Freud reconhecia que: “Quando jovem meu único desejo era adquirir conhecimentos filosóficos e agora que estou

passando da medicina para a psicologia estou em via de concretizar esse desejo”.³⁰

No ano seguinte se congratula com o amigo e consigo mesmo porque ambos estão encontrando o seu verdadeiro caminho.

“Percebo, escreve Freud - que você está alcançando, através do caminho tortuoso da medicina, o seu ideal de origem, o de compreender os seres humanos na qualidade de fisiologista, exatamente como eu alimento a esperança de alcançar, pela mesma rota, a minha ambição originária, que é a Filosofia. Porque este era o meu primeiro objetivo, quando ainda não sabia da minha razão de estar no mundo”.³¹

É nesta mesma época, ao redor de 1895, e na mesma correspondência com Fliess que aparece pela primeira vez o termo e o projeto teórico de Freud: a metapsicologia, que Freud chama de ‘meu filho ideal, meu filho problema’. É especialmente nela onde encontramos uma retórica fisicalista com o intuito de afastar a Psicanálise dos riscos de uma redução à uma filosofia ou à literatura e dar-lhes, ao mesmo tempo, status de ciência.

A teoria freudiana nada tem a ver com a metafísica, o “meta” não remete para cima, para o transcendente, mas para o profundo, para o científico, ela situa-se no intercruzamento da neurologia e da psicologia, pela mediação inicial da patologia. Tanto é que, quando Freud tenta dizer o “inconsciente”, recorre a três modelos básicos aos quais ele nunca vai renunciar: o modelo tópico, dinâmico e econômico.

²⁷ Cfr. FREUD, S. - *Um estudo autobiográfico*. Vol. XX, p.90.

²⁸ FREUD, S. - *O.c.*, p.18.

²⁹ FREUD, S. - *Pós-Escrito a um estudo autobiográfico*. Vol. XX, p.287.

³⁰ FREUD, S. - *Correspondência de amor e outras cartas, 1873-1939*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982, p.276.

³¹ FREUD, S. - *O.c.*, p.297.

IV - Mapeando a mente: a exigência metapsicológica.

IV.1 - O modelo anatômico.³²

Ao transpor seu discurso científico do cérebro para a mente, Freud não abandona o modelo anatômico. O ponto de vista tópico, encontra-se sempre em primeiro lugar. É necessário, antes de mais nada, localizar o fenômeno psíquico. A atividade psíquica está ligada ao cérebro, mas Freud nos adverte para não cairmos na tentação de supor uma ordem espacial verdadeira para os sistemas psíquicos. Localizar, por exemplo, o sistema Consciente no córtex e o sistema Inconsciente nas partes subcorticais do cérebro seria uma tentativa destinada ao fracasso. Mesmo assim reconhece que esta dificuldade é uma “lacuna” e que “no momento” a tópica psíquica não tem nada a ver com a anatomia. Fala, porém, abundantemente numa linguagem espacial: regiões do aparelho psíquico que apontam para alguma localidade do corpo, localidades psíquicas, arquivos, o inconsciente como uma outra cena, se pergunta no artigo metapsicológico de 1915 como explicar a mudança de um ato psíquico de um sistema para outro, se deve ser explicado como uma mudança de um lugar para outro ou por uma mudança qualitativa dentro do próprio sistema.

Em suma, até no *Esboço de Psicanálise*, escrito inacabado de Freud, reencontramos sempre o mesmo discurso. “De nossa vida mental nós conhecemos duas coisas: primeiro o órgão corporal e cena de ação, o cérebro (ou sistema nervoso) e, por outro lado, nossos atos de consciência... Tudo o que jaz entre eles é nos desconhecido... Se existisse, no máximo permitir-nos-ia uma localização exata dos processos da consciência.

Nossas duas hipóteses partem desses fins ou inícios de nosso conhecimento. A primeira delas está relacionada com a

localização. Presumimos que a vida mental é função de um aparelho ao qual atribuímos as características de ser extenso no espaço e de ser constituído por diversas partes - ou seja, que imaginamos como semelhante a um telescópio, microscópio, ou algo desse gênero”.³³

Mas, como funciona este aparelho? O modelo dinâmico tentará explicá-lo.

IV.2 - O modelo dinâmico.³⁴

Quando Freud confia a Fliess que está passando da medicina para a psicologia, não quer dizer que está abandonando o campo seguro da ciência para uma aventura intelectual.

Já existia uma tradição científica quase secular da psicologia alemã, que remontava a Herbart, o grande pai da psicologia alemã do séc. XIX. Foi ele a fonte inspiradora de fisiologistas como J. Müller, de psiquiatras como Meynert, de psicofísicos como Fechner, de psicofisiologistas como Wundt e, enfim, do próprio Freud.

Sabemos pelos seus biógrafos que Freud teve acesso às idéias psicológicas de Herbart num manual que circulou em suas mãos de estudante do último ano do Liceu.

A psicologia pode e deve ser uma ciência. O princípio básico sobre o qual ele assenta a sua psicologia científica é o fato de que todos os fatores psicológicos são “representações”. A vida psíquica é uma cadeia de representações. Os afetos são as relações de forças inter-representacionais. Estas são forças que podem ser medidas. Nem todas as representações estão no campo da consciência, nem todas ficam. Há um limiar entre o mundo da

³³ FREUD, S. - *Esboço de Psicanálise*. Vol. XXIII, p.169.

³⁴ Cfr. ASSOUN, P.L. - Da tópica à dinâmica: o modelo herbartiano. In - *Introdução à Epistemologia Freudiana*. O.c., p.149-164.

³² Cfr. ASSOUN, P.L. - Da anatomia à tópica: o modelo brüchiano. In - *Introdução à Epistemologia Freudiana*. O.c., p.113-147.